

# REBELIÃO DA FOME SACODE SÃO PAULO



Amplamente noticiário sobre a rebelião dos desempregados que convulsionou a cidade de São Paulo. Nas páginas 3, 7 e 8 os acontecimentos da semana, hora a hora. O papel do Comitê de Luta Contra o Desemprego. Quem saiu às ruas. A trama contra Montoro. Partidos opoicionistas e entidades de massas tomam posição. Os saques na história do Brasil.

Desempregados levam comida do supermercado para saciar sua fome; abaixo, diante do palácio do governo, o cartaz: "Não vamos saquear"



**Aurélio Peres: culpados estão em Brasília**

Fala o deputado operário. P. 7



**João Amazonas: o que opinam os comunistas**

"Estamos ao lado do povo". Pág. 3

EDITORIAL

## Material explosivo

S ão em São Paulo existem hoje 700 mil desempregados. E a cada dia estão sendo demitidos cerca de mil trabalhadores. A fome invade seus lares. O governo, insensível, não mexe um milímetro em sua criminoso orientação político-econômica. Agrava a situação, colaborando com a pilhagem do país pelo capital internacional através de acordos vergonhosos com o FMI. E impõe a redução dos salários como o decreto-lei 2.012. Eis aí o material explosivo que uma simples faúlha pode transformar em convulsão social. Como ocorreu agora em São Paulo e pode se repetir em outros lugares devido à tensão reinante no país.

O povo, acuado e provocado diariamente, não tem outro caminho senão o das ações enérgicas para defender seus direitos elementares como trabalho e salários dignos. Compreende-se que vez por outra isto se manifeste em torrente espontânea e incontrolável. O próprio regime cerecia a liberdade de organização do movimento popular, abrindo o campo para as explosões de desespero — como por exemplo invasões de supermercados para buscar alimento.

M as não é pelos atos impensados que o movimento de massas se orienta. Os trabalhadores tomam consciência no próprio curso da luta que as greves, as manifestações de rua têm de se organizar e voltar seu gume para o governo federal, principal responsável pela situação de calamidade em que vivem. É que tanto para pequenas reivindicações como para as transformações sociais em profundidade, precisam da aliança com todas as correntes democráticas e progressistas que se opõem ao regime militar.

Certos grupos aventureiros, não percebendo a situação, voltaram-se contra o governo de Franco Montoro, jogando sobre ele a responsabili-

dade. Nesta orientação miope, somam-se a setores do empresariado e outras correntes que combatem o governo de oposição do PMDB. Desta forma, deliberadamente ou não, fazem o jogo do regime. Com grande alarido, usando falsos argumentos, confundem as pessoas menos conscientes e tiram o governo federal do alvo.

A s gangs terroristas especializadas em ações como as da Freguesia do Ó e do Riocentro também agem entre os desempregados. Organizam grupos provocadores, insultam o vandalismo e a pilhagem. Procuram desmoralizar os trabalhadores e indispô-los com a opinião pública, e divididos para facilitar a repressão. Dentro da própria PM incentivam a brutalidade. Seu objetivo é desvirtuar o movimento e utilizá-lo para desestabilizar o governo Montoro.

O governo federal por sua vez, assustado com o grito do povo, ameaça intervir no Estado e repete a surrada cantilena de que os comunistas são os culpados de tudo. Depois de ajudar os banqueiros internacionais a fazerem um saque de bilhões em nosso país com a massadesvalorização, coloca o Exército de prontidão por causa de incidentes e provocações perfeitamente controláveis pelo governo estadual.

O s trabalhadores não deixam de lutar por seus legítimos direitos. Nem aceitarão servir de massa de manobra contra o governo de oposição que elegeram em São Paulo. Manterão com firmeza seu combate ao regime militar e sua política de traição nacional. De imediato exigem a instituição do salário desemprego, a redução da jornada de trabalho sem redução do salário e a revogação do decreto 2.012. Do governo Montoro, esperam medidas imediatas no alcance estadual, para aliviar o drama em que vivem.

## A ocupação de Tucuruí pelos trabalhadores

Ademir Andrade, deputado federal do PMDB do Pará, conta a luta dos peões da Capemi. Pág. 5

## A Europa em luta contra a guerra mundial

Na Alemanha e Inglaterra, os trabalhadores voltam às ruas exigindo a paz. Página 2



Conduzindo seus pertences, os ocupantes se dirigiram ao conjunto residencial

## Paraibanos tomam 3 mil casas em Campina Grande

Há mais de um ano o conjunto habitacional estava abandonado, e o povo não tinha onde morar. No final de março, invadiram as moradias. Pág. 5

## CIA assassina a jovem comandante Ana Maria

Melina Anaya Montes, a jovem comandante Ana Maria, destacada dirigente revolucionária salvadorenha da Frente Farabundo Martí (FMLN), foi assassinada na madrugada de quarta-feira. A dolorosa notícia chegou à TO ao fecharmos esta edição, num telex da FMLN. O comunicado frisa que o crime foi "cometido pelos tenebrosos bandos da Agência Central de Inteligência dos EUA (CIA), agressor de nossos povos". E agrega: "O fato de se haver assassinado a comandante Ana Maria em Território da Nicarágua, onde se achava de passagem, põe em evidência que o governo dos EUA não poupa recursos para violar os mais elementares direitos dos povos de Sandino e Farabundo".

A FMLN dirige um apelo "aos povos do mundo, as suas organizações progressistas, aos homens e mulheres dignos de todos os países". Conclama-os a "denunciar este novo crime e a redobrar sua solidariedade para com as lutas libertárias do povo salvadorenho, contra a política agressiva do governo dos EUA, contra a regionalização da guerra na América Central, em defesa da autodeterminação do povo da Nicarágua e dos demais povos centro-americanos pela paz".

"Companheira Ana Maria — conclui — teu sangue não foi derramado em vão. Juramos, perante tua memória, perante tuas qualidades de sinceridade, responsabilidade e honestidade, levar esta luta até a vitória. Revolução ou morte, venceremos".



Na Alemanha (foto) e Inglaterra, o povo nas ruas contra a corrida bélica ianque e soviética.

## A luta pela paz volta a agitar a Europa

Na semana da Páscoa, a luta por paz voltou a por a Europa Ocidental em autêntico pé de guerra. Durante cinco dias seguidos realizaram-se centenas de manifestações contra a instalação dos novos mísseis nucleares norte-americanos, Cruise e Pershing, com a participação de milhares de pessoas.

Na Alemanha mais de 500 mil pessoas saíram às ruas em 11 passeatas diferentes só no último dia dos protestos. E na Grã-Bretanha o movimento desenvolveu novas formas de luta criativas e eficazes, como a formação de uma gigantesca corrente humana de 80 mil pessoas ao longo da estrada que liga três instalações de mísseis nucleares a 80 quilômetros de Londres.

### O principal movimento de massas da Europa

Esta impressionante onda de protestos voltou a afirmar o movimento pela paz e pelo desarmamento como o principal movimento da Europa nos anos recentes. Depois das gigantescas mobilizações que estouraram por todo o continente no final de 1981, o ansio geral pela paz se ampliou enormemente com a perspectiva concreta da instalação dos mísseis nucleares norte-americanos no final deste ano. Foi contra esta instalação que se ergueram as manifestações da Semana da Páscoa. Justamente por isto elas se concentraram fundamentalmente nos países que vão receber o maior número destes mísseis — a Alemanha Ocidental e a Grã-Bretanha.

### Corrente humana une 80 mil ingleses

Na Inglaterra, as mobilizações se concentraram em torno das bases militares norte-americanas e dos locais que se preparam para receber os mísseis Cruise. A formidável corrente dos 80 mil, por exemplo, partiu da base americana de Greenham Common, onde serão instalados 96 mísseis e se estendeu à fábrica de armas nucleares em Burghfield e ao centro de pesquisas de armamento atômico em Aldermaston, num total de 25 quilômetros na região de Berkshire. Embora os protestos tivessem um caráter marcadamente pacífico, houve casos de enfrentamento com a repressão policial. Diante da base de Greenham Common, onde um grupo de mulheres se reveza há 19 meses numa manifestação permanente, 100 mulheres foram presas ao tentar pular a cerca da base com escadas. Aliás, uma característica que marcou todo este processo de mobilização na Grã-Bretanha foi a grande participação das mulheres na luta pela paz.

### A paz nas mãos dos povos

As manifestações desta semana na Europa trazem à tona o antigo anseio pela paz que vai tomando corpo entre os povos do mundo. O proletariado revolucionário deve dedicar uma atenção especial a este movimento, buscando dirigi-lo num caminho que possa de fato evitar a eclosão de uma carnificina nuclear de consequências catastróficas.

É evidente que o que empurra o mundo para a guerra hoje são as contradições do sistema capitalista em crise. Pressionadas por um quadro adverso, as diversas potências imperialistas buscam penetrar em áreas dominadas pelas adversárias. As fagulhas deste choque inter-imperialista ameaçam, a qualquer momento, incendiar o globo numa nova conflagração geral. E neste processo, o perigo de uma nova guerra mundial provém, fundamentalmente, da disputa entre as duas superpotências, os EUA e a URSS, que preparam suas monstruosas máquinas bélicas para o confronto.

Assim, enquanto os fundamentos do sistema social imperialista permanecerem de pé, as guerras serão inevitáveis, o perigo de uma nova hecatombe mundial estará sempre presente. Em última instância, só a revolução pode conjurar a guerra e garantir para os povos uma nova era de paz e fraternidade.

Isto não significa, no entanto, como querem os atuais dirigentes revisionistas chineses, que a 3ª Guerra Mundial é inevitável. Esta guerra em avançado estado de preparação pode e deve ser impedida. Não é do interesse dos povos erguer uma nova sociedade, socialista, nos escombros de um imaginável holocausto nuclear. É decisivo para a própria sobrevivência da humanidade que a tendência à revolução no mundo atual se sobreponha à tendência à guerra e evite sua deflagração.

Neste sentido, o proletariado revolucionário dirige e respalda as lutas revolucionárias dos povos contra o imperialismo. A verdade é que o povo de El Salvador, ao tomarem armas para

### Alemães bloqueiam as bases militares

Na Alemanha de Helmut Kohl, os protestos abarcaram tanto o bloqueio de instalações militares como gigantescas passeatas nas principais cidades. Ao todo, 10 bases militares foram bloqueadas. Na Bavária, 5 mil manifestantes deram as mãos para formar um círculo em volta do acampamento militar americano. A Polícia Militar ianque, sediada



Curtas contra corrida armamentista

depor a sanguinária ditadura pró-norte-americana que domina o seu país, se coloca na vanguarda da luta pela paz no mundo!

Mas os poderosos movimentos de massa pela paz cumprem também um papel muito importante de dificultar a deflagração de um novo confronto inter-imperialista mundial. Se estas mobilizações conseguirem retardar ou impedir a instalação dos novos mísseis da OTAN na Inglaterra ou na Alemanha, por exemplo, isso concretamente complica o objetivo da máquina de guerra norte-americana de desenvolver a capacidade de lançar o "primeiro golpe" fulminante contra a URSS tomando a dianteira na deflagração do confronto.

Nesse processo os movimentos de massa pela paz vão rompendo com as visões errôneas que em grande parte ainda lhe dão a tônica. A primeira é do pacifismo pequeno-burguês que se limita a condenar a instalação de armas nucleares e fazer declarações genéricas de natureza humanitária, sem apontar os verdadeiros responsáveis pela escalada guerrilheira. A segunda é a dos revisionistas soviéticos ou euro-comunistas, que buscam limitar as mobilizações a formas de pressão para forçar as superpotências à negociação sem futuro.

Não cabe a elas decidir sobre a guerra ou sobre a paz. Pelo contrário, a política imperialista deve ser frontalmente combatida, pois a causa da paz está nas mãos dos povos, e de ninguém mais.

nas bases, não chegou a intervir em nenhum destes casos, mas em Berlim a própria polícia alemã prendeu 160 pessoas que tentaram bloquear a estação militar americana de radar de Luefelsberg, no setor britânico da cidade. Este processo culminou com as impressionantes passeatas da última segunda-feira, que chegaram a reunir 120 mil pessoas na cidade de Dortmund. As manifestações denunciaram também o arsenal soviético, com seu "SS-20".

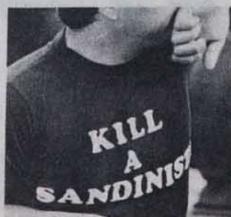
(Luís Fernandes)

## Nicarágua denuncia ação guerreira de Reagan

No último dia 4 o chanceler nicaraguense Miguel D'Escoto denunciou que a situação de seu país "é de uma invasão norte-americana, a partir de território hondurenho, utilizando, fundamentalmente, ex-guardas somozistas". Ao mesmo tempo foi revelado que há uma ordem de pagamento, de 1981, de 19 milhões de dólares, autorizada por Ronald Reagan aos mercenários anti-sandinistas.

Segundo o chanceler D'Escoto, "Os Estados Unidos elegeram Honduras como o lugar ideal para agir contra a Nicarágua e, na medida em que Honduras se presta a esse jogo, na medida em que a atual liderança hondurenha consinta nisso, a possibilidade de um confronto se faz mais real".

Já no dia 30 de março o ministro do Interior da Nicarágua, Tomás Borge, denunciava a invasão de navios norte-americanos nas águas territoriais de seu país: "Vários deles chegam a constituir sério perigo para a segurança nicaraguense. Esses navios estão em ati-



"Mate um Sandinista", camisa ianque tude provocadora. Estão navegando no litoral das Nicarágua de forma agressiva", Borge anunciou, ainda, a destruição, pela Força Aérea sandinista, de um campo de pouso dos mercenários. Era "o campo de pouso mais importante utilizado por forças americano-hondurenhas para reabastecimento dos rebeldes invasores". Concluindo, Borge disse que "os invasores estão dispersos e cercados" e que "a maioria já voltou para Honduras".

### CONFISSÃO DE HONDURENHO

Ainda na semana passada um hondurenho, que participou diretamente do planejamento de atividades secretas americanas, afirmou que os EUA estiveram intensamente envolvidos no treinamento e fornecimento de armas as

forças paramilitares antes que elas entrassem na Nicarágua vindas de Honduras. Dois senadores norte-americanos e um alto funcionário da administração Reagan confirmaram as confissões do hondurenho.

Dentre as suas denúncias consta que os Estados Unidos enviaram, em agosto de 1982, aviões carregados de armas e munições para as unidades mercenárias na região Leste de Honduras, onde vivem os índios mistos. O informante ainda disse que os "cérebros por trás" dessas operações são o embaixador americano em Honduras, John Negroponte, e o chefe dos militares hondurenhos, general Gustavo Martínez.

São dirigidos contra as bases mercenárias da região, mencionada pelo hondurenho, os bombardeios que a aviação sandinista realizou na semana passada. A imprensa burguesa distorce esses fatos para apresentar o governo sandinista como responsável pelo massacre indiscriminado de povoações indígenas na região.

Mas, como afirmou o chanceler D'Escoto, "Ronald Reagan quer apresentar ao mundo a imagem de uma Nicarágua dividida, mas esse objetivo já fracassou, porque o mundo todo sabe qual é a verdadeira situação".

## Governo israelense usa veneno contra palestinos

Uma estranha e macabra epidemia vem se espalhando pelos territórios árabes ocupados por Israel na Cisjordânia. Ao todo mais de mil estudantes palestinos, a maioria composta por mulheres, já foram hospitalizados nas últimas duas semanas. Os sintomas são sempre os mesmos: vertigens, náuseas, dor de cabeça. O diagnóstico aponta numa única direção: envenenamento. E não resta dúvida em relação ao criminoso: o governo de Menachem Begin.

O ódio mortal dos sionistas contra os árabes parece ter chegado ao requinte da crueldade de intoxicar propositalmente populações inteiras. A "epidemia" começou num povoado próximo a Jenin e foi se espalhando para as regiões vizinhas de Arraba, Nablus, Hebron e Tulkerem. O próprio Conselho de Segurança da ONU reuniu-se no início da semana para discutir o caso e exigir que Israel cumpra as regras do Direito Internacional relativas à proteção da população civil nos territórios ocupados árabes e palestinos, incluindo Jerusalém. Uma equipe da Cruz Vermelha, e outra da Organização Mundial da Saúde (OMS), ligada à ONU, já se dirigiram à região para investigar o episódio.



Uma mulher, atingida pelo veneno sionista, é socorrida

### "HISTERIA COLETIVA"

Cínica e inteiramente irresponsável tem sido a resposta do governo de Begin. O professor Baruch Madad, diretor geral do Ministério de Saúde do regime sionista, declarou que tudo não passa de um fenômeno de "histeria coletiva". Enquanto isso as autoridades se esforçam ao máximo em descobrir e abafar o acontecimento. Mas se existe histeria da parte de alguém, com certeza é dos gover-

nanates de Israel, que se erguem contra os povos árabes e palestinos com sentimentos racistas e genocidas mais extremados, que não deixam nada a dever ao próprio Hitler.

A denúncia do envenenamento provocou combativas manifestações de jovens palestinos. Em Tucarem um banco israelense foi depredado. Em Jerusalém a polícia dispersou, com granadas de gás lacrimogênio, diversos grupos de manifestantes.

## Antecipadas as eleições em Portugal

Na última segunda-feira foi lançada oficialmente a campanha para as eleições gerais em Portugal, que vão se realizar no próximo dia 25 de abril. Estas eleições foram convocadas antecipadamente ao calendário oficial em função da decomposição e queda do governo da frente de direita, Aliança Democrática (A.D.)

Ao todo 13 partidos concorrem ao pleito. A coligação de direita desmembrouse e seus dois principais partidos, o Partido Social Democrata (PSD) e o Centro Democrático-Social (CDS) concorrem isoladamente. As tendências apontam para a derrota destas forças direitistas.

O grande favorito é o Partido Socialista (PS) de Mário Soares, este sim de proposta social-democrata e filiado à 2ª Internacional de Mitterrand e Willy Brandt. Os círculos capitalistas portugueses e os imperialistas têm apostado no PS enquanto alternativa viável e acelerada: no atual quadro político do país, para evitar uma virada popular na crise. E de fato o partido de Soares vem conseguindo canalizar para si a intensa insatisfação dos trabalhadores e do povo de Portugal.

Outra coligação que se apresenta como força eleitoral de expressão é a Aliança Povo Unido (APU), dominada pelo chamado Partido Comunista Português de



Uma das pichações da campanha eleitoral do Partido Comunista Reconstruído

Álvaro Cunhal, organização de orientação revisionista pró-soviética. Com considerável implantação na classe operária, a perspectiva que se coloca para a APU é de manter no fundamental a mesma votação dos pleitos anteriores, em torno de 17%.

Já a oposição popular, aglutinada na União Democrática Popular (UDP) se apresenta pela primeira vez coligada a outra força política, nomeadamente o Partido Socialista Revolucionário (PSR) nos principais círculos eleitorais. O grande objetivo da UDP é garantir a reeleição do seu deputado revolucionário, Major Mário Tomé, por Lisboa.

Um dado inédito destas eleições é que pela primeira vez os comunistas portugueses vão se apresentar com legenda própria. O Partido Comunista (Reconstruído) PC(R) — apresenta candidatos em todos os círculos eleitorais, exceto as principais cidades, Lisboa e Porto, onde apóia e integra a legenda da UDP. O PC(R) acabou de realizar seu 4º Congresso onde aprovou um programa de 10 reivindicações centrais para as eleições, que inclui a exclusão dos partidos de direita do governo, a suspensão do pagamento da dívida externa, o veto à entrada no Mercado Comum Europeu e a retirada de Portugal da OTAN.



# Metalúrgicos preparam Congresso em S.Paulo

Nos dias 29, 30 e 1º de maio os metalúrgicos de São Paulo realizam seu VI Congresso, onde espera-se a participação de mais de mil delegados eleitos nas fábricas. O Congresso tem como tema "Os Trabalhadores e a Crise", e segundo Wilson Rodrigues, um dos delegados eleitos, "nós vamos tirar formas de luta contra a situação de miséria dos operários".

"Os metalúrgicos de São Paulo, cerca de 400 mil, têm uma força que ainda não foi totalmente experimentada. Também têm inúmeros problemas, principalmente o desemprego que aumentou muito com números falências no setor. No Congresso vamos avaliar quais as principais reivindicações da categoria, os seus problemas mais sentidos, e a partir daí poderemos tirar formas concretas de luta. Uma coisa é certa: o encontro deverá discutir a greve geral, tão falada em todas as fábricas. É uma vontade dos operários e eu acho que se a categoria, que é a maior do país, resolver prepará-la, poderá puxar as outras", afirma Wilson, confiante. Ele foi dispensado há poucos meses da Fiel, onde era cipeiro, e sabe da revolta da classe.

Já Antonio Duarte, membro da comissão de fábrica da Mafesa, acredita que o congresso "vai dar passos no sentido de melhorar a organização no interior das fábricas, tornando-as trincheiras de luta da classe e aproximando mais o Sindicato das bases. Se na sociedade a democracia ainda não chegou, nas fábricas ela está mais distante ainda."



Wilson, delegado ao congresso.

Quando ao tema do Congresso os dois são unânimes: ele deve se posicionar firmemente contra o regime militar, por eleições diretas para a presidência da República e por novas leis para o país, através de uma Constituinte livre e soberana. "O governo é responsável pela crise. Ele entregou o país ao FMI, aumentando o desemprego e o arrocho salarial. Não podemos aceitar o decreto-lei do arrocho, nem o desemprego, nem o FMI e nem este governo militar", acrescenta Wilson.

"A própria crise econômica, que está levando os trabalhadores a explodir, a se revoltar, fez com que o Sindicato abrisse mais as suas portas. O Joazeirão sabe que se não fizer alguma coisa, a categoria passa por cima."

# Colabore na campanha da Tribuna Operária

A necessidade de uma imprensa operária fica evidente nos momentos de radicalização dos conflitos sociais como ocorreu nas ruas de São Paulo nos últimos dias. A imprensa das classes dominantes diante da revolta dos trabalhadores contra a fome, alega a defesa da propriedade e lança sobre o movimento popular a sua maldição: é baderna!

Em épocas de crise mais do que nunca, os operários conscientes precisam de um veículo para levar suas ideias às grandes massas e esclarecer a opinião pública. Precisam de uma imprensa capaz de explicar os acontecimentos do ponto de vista dos oprimidos e combater as calúnias dos opressores. Dedicada a unificar as próprias fileiras operárias e consolidar a unidade com outras camadas de trabalhadores e aliados democratas. Para discutir com as

amplas massas os objetivos, as tarefas e as formas de combate adequadas em cada situação e levar à frente o movimento popular.

É para colocar a Tribuna Operária à altura das necessidades do movimento operário e popular atual que estamos convidando todos os leitores, todos os trabalhadores dedicados à causa da liberdade e do socialismo para ajudarem na campanha nacional de fortalecimento de nosso jornal. Um dos objetivos centrais da campanha Karl Marx, que terá duração de dois meses, a começar no dia 21 de abril, é elevar a venda semanal da Tribuna para 50 mil exemplares.

Com a campanha Raimundo Lana, em 1981, atingimos o patamar de 60 mil jornais vendidos por quinzena. Agora estamos batalhando para fortalecer e consolidar o jornal semanal. Em cada empresa, em cada escola, em cada bairro, proclamamos os amigos para discutir com seus colegas e vizinhos, divulgar o nome da Tribuna Operária, ajudar a vender o jornal e fazer assinaturas. Um jornal operário é elaborado pela colaboração de milhares de trabalhadores e a sua venda para as amplas massas é também apoiada nesta rede de colaboradores.

Participe você também deste esforço para construir uma Tribuna Operária forte a serviço dos trabalhadores. Assuma seu posto na luta de ideias defendendo a classe operária na luta contra os opressores. Ajude a construir uma poderosa opinião pública no país contra o regime militar, pela liberdade, pelo socialismo. Procure no seu bairro ou empresa um grupo de apoio da Tribuna ou então dirija-se diretamente à nossa sucursal em sua cidade.

## Solidariedade Internacionalista

O operário Antonio Bach, brasileiro, que desde 1954 reside em Dusseldorf, na Alemanha, enviou mensagem de solidariedade contra a tentativa do governo de enquadrar o jornal na Lei de Segurança Nacional. Antonio se manifestou em nome dos operários alemães, franceses e portugueses que conhecem a Tribuna Operária na Alemanha. E comunicou que no dia 14 de maio estes trabalhadores realizaram uma festa para discutir a Tribuna e encontrar novas formas para ajudar o jornal. Já em outras ocasiões recebemos diversas manifestações de apoio destes companheiros operários europeus.



Apolinário Rebelo: "Pelo ensino democrático e científico"

# Secundaristas visam fortalecer a sua entidade

Nos dias 21, 22, 23 e 24 de abril a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, UBES, realizará seu XXI Congresso no Gímnasio Taquaral, na cidade paulista de Campinas. Nestes dias os estudantes deverão discutir a consolidação do movimento secundarista em todo o país e a luta pelo fortalecimento de sua entidade, além de outras reivindicações.

A Tribuna Operária ouviu, a respeito do Congresso, o atual vice-presidente da entidade pela corrente Viçaria.

Segundo Apolinário, mesmo com a reorganização da UBES, proscria desde 1964, não se conseguiu criar na totalidade um "corpo nacional de mobilização". "O que conseguimos — disse ele — foi unificar o movimento em torno de uma linha e algumas bandeiras, mas não com uma organização".

Poucas entidades já foram reconstruídas. Entre elas as Unões Metropolitanas de Salvador, Florianópolis, Fortaleza, Belém, Curitiba e Rio de Janeiro. A nível estadual só existem em funcionamento as entidades do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Piauí e Amazonas.

**REESTRUTURAÇÃO**  
Frente a este quadro, o XXI Congresso da UBES deverá constituir um marco no referente a duas questões: primeiro, na elaboração de uma política que deve centrar fogo na construção e fortalecimento do movimento secundarista nos principais

escolas, onde as contradições são mais agudas e existe maior número de alunos, particularmente nas escolas públicas. Um movimento enraizado nos estabelecimentos de ensino e não mais baseado em lideranças que, quando saem, enfraquecem a luta.

A segunda grande questão é a luta pela legalização da UBES. Como afirmou Apolinário, "somos hoje uma entidade conhecida e reconhecida pelos secundaristas e o conjunto da frente democrática. Mas é necessário que tenhamos registro oficial, para inclusive poder receber verbas. Sem se atrelar ao governo ou a quem quer que seja, mas tendo uma estrutura e um espaço para servir de referência".

## REPENSAR O ENSINO

Em 1981 o Congresso da UBES reuniu 600 delegados e um total de 2.500 participantes. Este ano os diretores da entidade esperam um número de delegados de 3 a 5 vezes superior. Eles deverão debater também a retomada de entidades como centros cívicos e grêmios.

Apolinário considera que o movimento secundarista ainda não detectou quais as suas bandeiras mais presentes. Por isso, é preciso discutir o ensino. Daí a proposta que deverá sair do Congresso de realização de um seminário nacional sobre o assunto, em meados do ano. "Também defendemos a necessidade de um ensino democrático, científico, voltado para os interesses nacionais" — concluiu ele.

# Universidades podem fechar por falta de verbas

No dia 19 de abril os diretores da UNE e representantes dos DCEs de todas as universidades federais irão ao Ministério da Educação e Cultura discutir a crise universitária agravada com a suspensão da suplementação de verbas do governo para essas universidades. A ministra já indeferiu a audiência. Mas os estudantes não vão arrear pé.

A União Nacional dos Estudantes está fazendo com este objetivo um levantamento sobre a real situação das universidades federais do país. Já concluiu que em 14 universidades o aumento de verbas de 1982-83 foi de 30 a 40%, quando a inflação no mesmo período foi de 110%. Este ano a situação deverá ser ainda mais caótica devido a proibição pela ministra Esther de Figueiredo Ferraz, de suplementação de verbas para qualquer universidade. Já era praxe estes estabelecimentos só sobreviverem no segundo semestre graças à suplementação.

A própria Reitoria da Universidade Federal de Alagoas só poderá funcionar um turno. O Reitor da Universidade Federal do Rio de

Janeiro declarou ao presidente do Diretório Central dos Estudantes que a partir de junho não haverá dinheiro nem para comprar papel higiênico. Na Universidade de Santa Catarina 22% das matrículas foram cortadas pela mesma razão.

Em Minas o Reitor convocou o Conselho Universitário para proclamar toda a comunidade da UFMG a se mobilizar na defesa daquela unidade, "ameaçada de fechar". O aumento nominal de verbas em relação ao ano passado foi de apenas 32%. Com isso o restaurante e a biblioteca não tiveram aumento nominal e a residência médica ainda teve um corte de 16%. O clima de descontentamento atinge estudantes, funcionários, professores e boa parte dos reitores. O reitor da UFMG está articulando uma reunião de reitores das universidades federais para se posicionar diante da política de verbas do governo.

Enquanto isso, a UNE realizou nos dias 26 e 27 de março uma reunião com 19 DCEs em Brasília. Tirou um manifesto exigindo a suplementação de verbas e propondo um amplo processo de mobilização da comunidade universitária para alcançar a



Durante a greve, os vigilantes realizaram vários comícios e passeatas em São Paulo

# Vigilantes descontentes com o fim da greve

Com um acordo que não satisfaz à categoria, mas que trouxe algumas vitórias, foi encerrada no último dia 4 a greve dos vigilantes bancários de São Paulo. A insatisfação dos trabalhadores com a diretoria da Associação dos Vigilantes e do Sindicato dos Autônomos foi tanta que o presidente dos Autônomos foi agredido quando saía da assembleia.

Depois de 12 dias de greve os vigilantes conquistaram um piso salarial de Cr\$ 48 mil até maio e Cr\$ 50 mil a partir de junho (eles pediam Cr\$ 57 mil), além de 6% de produtividade, estabilidade de seis meses, Cr\$ 2 milhões de seguro de vida e pagamento dos dias parados.

As diretorias das entidades sindicais dos vigilantes já haviam assinado o acordo salarial quando realizaram a assembleia em que ele deveria ser discutido e votado. Isso causou grande revolta nos trabalhadores: "Essa diretoria e o comando de greve foram comprados pelos patrões. Nós lutávamos para ganhar, queríamos um salário de Cr\$ 57 mil, e o pessoal está com grande disposição. Mas agora eles vêm com o acordo já assinado, jogar água fria", queixou-se um vigilante da companhia Estrela Azul.

O.M., que presta serviço num banco da avenida Paulista, também protestou: "Estávamos com uma luta justa. Nós trabalhamos 12 horas por dia, e ninguém dá valor à nossa classe. Eu estava

furando a greve, mas daí passou um piquete no banco, no dia 31, e eu aderi. Mas esse acordo foi ruim. É na luta que a gente ganha consciência, e o pessoal do comando deu prá trás".

Alguns dirigentes do Sindicato dos Bancários integraram o Comando de Greve dos vigilantes. Mas na última assembleia da classe fizeram coro com os pelegos do Sindicato dos Autônomos e Associação dos Vigilantes, defendendo o acordo salarial assinado sem apoio da classe.

Josimar de França, presidente da Associação, abriu a assembleia ameaçando os trabalhadores: "Nossas famílias passam fome, a greve vai ser declarada ilegal e nós vamos sofrer repressão. Temos que parar com isso", dizia. Mas os trabalhadores o interrompiam aos gritos de "Entramos na briga pra ganhar" e "Lutamos até a morte". Mas, quando o comando de greve usou da palavra para defender as mesmas propostas de Josimar, os vigilantes ficaram desorientados. Insatisfeitos, passaram a reunir-se em pequenos grupos, criticando os dirigentes sindicais e o comando.

Sem ninguém que capitalizasse o descontentamento da classe e propusesse a continuidade da greve, a assembleia definiu, e o acordo foi aprovado. Durante a assembleia o vereador Arnaldo Alves, do PMDB, fez um pronunciamento responsabilizando o governo militar pelas dificuldades dos trabalhadores.

# Funcionários públicos aprovam dia de luta

O decreto-lei salarial do general Figueiredo estabelecendo reajuste salarial de 40% em janeiro e 30% em junho para o funcionalismo público federal vem provocando reações.

No último fim de semana foi realizado em Brasília um encontro com representantes de diversos Estados, que estabeleceram uma pauta de reivindicações. Eles exigem, reposição salarial de 70% em maio; reajuste semestral de acordo com o INPC, a vigorar a partir de novembro, 13% salário para o servidor estatutário; direito de sindicalização e remessa imediata ao Congresso de Estatuto do Servidor Público elaborado pelo DASP.

Os funcionários também aprovaram um calendário de lutas, considerando o dia 19 de abril como Dia Nacional de Luta pela rejeição do decreto e o dia 28 como data limite para resposta do governo. (Jandira Fuchali-vice-presidente da Associação Nacional dos Médicos Residentes).

## Errata

Na matéria do nº 112 na pág. 8 sobre a proposta de greve dos gaúchos, Fraçoal Pereira é presidente dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação e não dos Metalúrgicos, como saiu.

# Vitória parcial na greve da Coensa

Terminou na terça-feira, dia 5, com vitória parcial a greve de 12 dias na metalúrgica Coensa, em Canoas, no Rio Grande do Sul. Foi aprovado um acordo assegurando dois meses de estabilidade para os operários, evitando a demissão de cerca de 300 trabalhadores ameaçados. Foi acertado também que os dias parados não seriam descontados. Diversos diretores do Sindicato afirmaram que a grande lição a ser tirada desta luta é o valor fundamental da unidade e da organização dos operários. Um ativista destacou que "com o que a gente aprendeu, se for preciso a gente para outra vez".

Paulo Paim, presidente do Sindicato afirmou que "o grande responsável pelo desemprego é o governo federal e a disposição dos operários da Coensa mostra que existem condições para um protesto como a greve geral contra a política econômica do



Paim: "o responsável é o governo".

governo." Como se recorda, a proposta de uma greve nacional no próximo dia 18 de maio foi fruto de uma assembleia de várias categorias realizada no último dia 19 em Porto Alegre. (da sucursal).

# Hospital Souza Aguiar no Rio, elege diretor

No último dia 22 de março, médicos e funcionários do Hospital Municipal Souza Aguiar, no Rio de Janeiro, fizeram uma votação para indicar o futuro diretor do hospital. O fato foi inédito pois os diretores dos hospitais estaduais e municipais sempre foram nomeados pelo Secretário de Saúde.

O processo foi iniciativa dos próprios funcionários, que procuraram manifestar sua escolha antes mesmo da escolha do atual Secretário, evitando assim que outros interesses antecipessem uma escolha antibicandidatos, que apresentaram suas plataformas numa assembleia geral. Depois disto, durante três dias, para que todos pudessem votar, foi realizado o

processo de eleição. O pleito contou com a participação de mais de 60% dos "eleitores". Segundo o Dr. Mauro Brandão, membro da comissão eleitoral, o pleito mobilizou todo mundo e entusiasinou os funcionários. "A assembleia foi a maior que já tivemos aqui no hospital". Foi eleito por maioria absoluta dos votos o Dr. Frederico Gomes.

O exemplo tende a se multiplicar. Outros hospitais já estão com eleição marcada, como o Jesus e o Iaser. No Miguel Couto e no Salgado Filho os diretores proibiram reuniões, com medo que o processo democrático leve a um julgamento de suas administrações. Outros órgãos estatais, como a CTC e a UERJ, podem seguir esta trilha. (da sucursal).

# Metalúrgicos assinam acordo com a FIESP

É quase certo que a campanha salarial dos 450 mil metalúrgicos do interior de São Paulo chegou ao fim. Em São Bernardo, carro-chefe da luta salarial, a diretoria do Sindicato assinou o acordo com os patrões, mas diz que irá consultar a categoria em assembleia no sábado. A maioria dos outros 37 Sindicatos também já aceitou as migalhas patronais.

Há descontentamento dos metalúrgicos com o acordo assinado com a Fiesp, órgão dos patrões. Tanto que nas assembleias realizadas nas várias cidades do interior paulista a proposta patronal foi vaiada e rejeitada por unanimidade. Em Taubaté chegou a ocorrer uma greve de 6 mil operários da Ford e Volks, como protesto e advertência aos patrões.

A Fiesp, de certa forma, conseguiu seu intento sujo de dividir os metalúrgicos, marginalizando a maior parte da categoria que trabalha em fábricas com menos de 6 mil empregados. Para isto concedeu um aumento de produtividade de 6% para as empresas maiores, exatamente aquelas onde se concentra a

parcela mais avançada e organizada dos operários.

Mesmo este reajuste é falso. Será comido pelo decreto-lei 2.012 do general Figueiredo que arrocha os salários. Em média os metalúrgicos das empresas com mais de 6 mil trabalhadores receberam apenas 3% de aumento de produtividade. Já as das pequenas e médias empresas não terão nada de produtividade. Sem falar que os empresários se recusaram a discutir a estabilidade no emprego, uma das principais exigências da categoria duramente atingida pelas demissões. Novas dispensas deverão ocorrer agora, com os patrões jogando nas ruas os metalúrgicos mais bem pagos, para contratar outros por menores salários.



Jair Meneghelli fala aos metalúrgicos e é ameaçado de enquadramento na Lei de Segurança

## UMA MIGALHA A MAIS

Na terça-feira os empresários, que juravam não reabrir as negociações, voltaram atrás, sentido a revolta dos operários. Para tapear concederam mais uma migalha:

aumentaram de 1,5 para 2% a produtividade para os metalúrgicos que trabalham em empresas com menos de 200 empregados. Quanto às outras faixas e às demais reivindicações, nada falaram.

## NADA DEFINIDO

As primeiras diretorias sindicais que se sujeitaram a aceitar o acordo foram as de Santo André, São Caetano, São José dos Campos, Itu e São Bernardo. Exatamente aquelas que negociam há vários anos em separado da Federação dos Metalúrgicos, considerada pelega. Estranhamente, Jair Meneghelli, presidente do combativo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, disse à imprensa que a proposta da Fiesp "é razoável", enquanto o imobilista Argeu dos Santos, da Federação, afirmava que ela é "inaceitável" e ameaçava com greve no restante do interior paulista. Posteriormente o matreiro Argeu voltou atrás, dizendo

que seguiria o exemplo dos Sindicatos do ABC. Contudo, nada ainda está definido. Na Ford de São Bernardo há ainda grande disposição de paralisar a fábrica, mesmo que seja para negociar isoladamente com a direção da multinacional americana. Há também uma grande massa de desempregados em São Bernardo, cerca de 40 mil, que durante a campanha salarial foi esquecida. "O pessoal também está ansioso pela oportunidade de começar uma greve geral. Nas assembleias esta ideia foi muito aplaudida. O pessoal acha que sozinho não dá para mudar a situação, o desemprego e os baixos salários. Tem que parar todo mundo todos os operários" — diz confiante um metalúrgico desempregado.



Operários controlam os canteiros de obras em Tucuruí

# Operários da Capemi exigem seus direitos

Alheio às negociações que envolveram a Agropecuária Capemi e o SNI e que culminaram com a falência da empresa responsável pelo desmatamento de Tucuruí e o cancelamento dos contratos firmados entre a empresa e o governo militar, os trabalhadores da Capemi ocuparam os canteiros de obras de Tucuruí, exigindo seus direitos trabalhistas.

A maioria dos funcionários está sem receber desde dezembro. Há vários anos que a Capemi atrasa os pagamentos de seus empregados, provoca demissões coletivas e recusa-se a pagar em dia as indenizações devidas. Diante dessa situação os operários de Tucuruí decidiram reagir e lutar com vigor para defender seus legítimos direitos.

O deputado federal Ademir Andrade (PMDB-PA) este, há duas semanas, com os operários rebeldes de Tucuruí para levar a sua solidariedade a essa luta e impedir que houvesse represálias policiais contra os peões. Ademir Andrade contou à Tribuna Operária o que viu em Tucuruí.

## REVOLTAS E DESTRUIÇÃO

"Desde que chegaram na obra, os trabalhadores perceberam que a Capemi era irregular. Eles chegaram a essa conclusão pelas coisas que observaram no dia-a-dia de seu trabalho, como máquinas compradas e não entregues, serrarias funcionando em caráter provisório e outros desmandos administrativos. Quando a situação da empresa se agravou, começaram as demissões de 200 a 300 empregados sem pagamento de indenizações em tempo hábil, pagamentos atrasados, etc. Por várias vezes acompanhei conflitos de centenas de operários demitidos e que esperavam o pagamento por vários dias. Por mais de três vezes ocorreram

revoltas e destruição. Busquei intervir evitando a repressão da polícia, por reconhecer os direitos dos operários.

"Esse processo deu experiência de luta aos trabalhadores que, quando souberam da rescisão de contrato da Capemi com o governo, resolveram ocupar os canteiros. Os operários impediram que as sub-empresas retirassem suas máquinas, pois elas são a única garantia para não serem lesados em definitivo.

"Percebi que existe uma organização perfeita entre os operários. Numa assembleia geral, eles elegeram uma comissão de negociação e sub-comissões de serviço, para dar apoio logístico ao movimento. A ocupação foi feita de forma pacífica e firme. Além dos peões, os próprios funcionários administrativos denunciaram os contratos absurdos firmados pela Capemi.

"O governo viu-se obrigado a assumir o ônus dos salários atrasados, que somam cerca de 460 milhões de cruzeiros. Mas há um impasse, porque até hoje as indenizações dos demitidos ainda não foram pagas, o que levou os operários a continuarem nos canteiros de obras. E as sub-empresas, por seu lado, exigem a repressão policial, o que só agravará a situação.

## ACÇÃO IRRESPONSÁVEL

O deputado Andrade considera que o principal responsável por esta situação é o governo militar, "que tem agido de forma irresponsável. Quem deveria pagar pelos prejuízos seriam os administradores da Capemi e os que os favoreceram para que ganhassem uma concorrência quase que fantasma. Não entendo porque o governo não intervém na Capemi e apossa-se definitivamente dos bens da empresa e dos seus débitos trabalhistas. Ao invés disso, o governo assumiu a dívida e está pagando aos poucos, com o dinheiro do povo." (Moacir Oliveira Filho — Brasília).

# Gráficos cearenses dão vitória à Chapa 1

No último dia 31 foi realizada a eleição para o Sindicato dos Gráficos de Fortaleza, sendo vencedora a Chapa 1, Renovação e Luta. Dos 434 gráficos em condições de votar, 370 foram às urnas, e apenas 142 votaram na Chapa 2, do pelego Cirino, há quase 20 anos no Sindicato. A Chapa opositorista sagrou-se vencedora com 215 votos, mas faltaram apenas três para o primeiro escrutínio ter sido considerado válido. Na tentativa de tumultuar o processo Cirino convocou a maioria dos dirigentes sindicais pelegos de Fortaleza para a apuração.

Continuando com a manobra, o representante da Delegacia do Trabalho não compareceu, e o atual presidente do Sindicato nomeou na hora o

presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, Mariano, para dirigir a apuração. Este, expulsou o público presente da sala de apuração e impediu a entrada do advogado da Chapa 1, Benedito Biverrli. Logo após a apuração, ele se retirou sem fazer a ata da eleição. Até a polícia militar foi chamada ao local pelos pelegos.

A próxima votação será no dia 15 de abril, e os integrantes da Chapa 1 estão em campanha em todas as graficas, denunciando as arbitrariedades do primeiro escrutínio e conclamando os trabalhadores a reafirmar sua disposição de renovar e fortalecer seu Sindicato (Marcos Nogueira — de Fortaleza).

# Generais ameaçam Jair Meneghelli

Com toda sua truculência habitual contra o movimento operário, o governo militar decidiu na quarta-feira enquadrar na fascista Lei de Segurança Nacional o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Jair Meneghelli. A acusação, baseada numa notícia policializada do jornal O Estado de S. Paulo e na espionagem dos órgãos de segurança, é de que o líder sindical teria chamado o general Figueiredo de canalha durante uma assembleia dos metalúrgicos.

Ne fundo a ameaça de enquadramento visa chantagear os corajosos operários do ABC paulista que se encontravam em campanha salarial. O que lembra os episódios das intervenções no Sindicato e

das prisões de líderes grevistas durante as paralisações de 1979 e 1980. Como condicionar para se livrar do processo, parlamentares do PDS e ministros do governo insinuaram que Meneghelli deve se retratar, pedir desculpas à Figueiredo. Mas o líder sindical já ressaltou que não pretendia atingir ninguém pessoalmente, e sim criticar a política econômica antipopular do governo, principalmente o decreto-Lei 2.012 que arrocha ainda mais os salários.

Essa atitude arbitrária do governo mostra como os Sindicatos no Brasil estão castrados, sem qualquer autonomia. Vivem a mercê da sanha autoritária de qualquer general.

# Conjunto habitacional foi invadido na Paraíba

No dia 26 de março 3 mil famílias invadiram as 3 mil casas do conjunto Álvaro Gaudêncio, em Bodocongó, Campina Grande. O conjunto estava pronto há mais de um ano, e não era entregue às famílias inscritas na Cerap por que não tinham obras de saneamento básico, segundo os diretores deste órgão.

"Eu tinha o cartão da Cehap e morava em casa alugada. Por isso vim para cá", conta Aluisio do Nascimento. "Não ganho nem o salário, como é que podia pagar o aluguel? Agora, é só lutar por água, luz e esgoto, que o governo não fez porque gastou todo o dinheiro com a campanha eleitoral de 15 de novembro", arremata, satisfeito.

A invasão começou pela madrugada, e na tarde do dia



As 3 mil casas abandonadas foram ocupadas em poucas horas

seguite todas as casas já estavam tomadas. Milhares de pessoas transportavam suas mobílias em carroças, caminhões de aluguel, animais, etc. O governo mobilizou cerca de 22 viaturas e 400 policiais para reprimir os

ocupantes. Mas os moradores não se intimidaram, pois grande parte deles já estavam na fila de espera da Cehap há mais de três anos.

Foi essa determinação e o apoio de entidades de classe, estudantes e de parlamentares,

e do povo campinense, que fizeram com que o governo recuasse, deixando no local um contingente de 58 policiais, apesar de ainda ter infiltrado alguns, à paisana, para provocar e intimidar os posseiros.

## "ASSIM O POVO VENCE"

À medida em que ocupavam as casas, as famílias escreviam em suas paredes: "Esta casa pertence a Paulo"; "Até que enfim encontrei um lar"; "O povo unido jamais será vencido"; e "E assim que o povo vence".

José Barbosa de Souza afirma: "Eu morava em casa de aluguel, e não estava agüentando mais o preço exorbitante. Agora esse problema eu não tenho mais". E Genilda França: "Uma certeza eu tenho — daqui ninguém me tira. A situação está tão ruim que até alguns soldados invadiram casas também, pois

eles também passam necessidades."

O vereador Félix Araújo Filho, do PMDB, está ao lado dos ocupantes: "A situação é tensa, mas todos estão decididos a ficar. A vitória do povo está definitivamente consolidada."

## SESSÃO PERMANENTE

A Câmara Municipal está em sessão permanente, e numa reunião de mais de 50 entidades, na Comissão de Justiça e Paz foi formado um comitê de apoio aos ocupantes. Apesar do governo da Paraíba, todos os moradores entrevistados pela T.O. foram unânimes em exigir um compromisso mais efetivo do prefeito, Ronaldo Lima, do PMDB, no sentido de pressionar os órgãos responsáveis para se chegar a uma solução definitiva e benéfica para as famílias. (do correspondente)

# Flagrado tráfico de boías-frias em Sergipe

No último dia 5 foram apreendidos em Sergipe dois caminhões que transportavam boías-frias para fazendas no Sul do país. Cada caminhão carregava mais de 50 trabalhadores, entre tonéis, máquinas, pás e outros instrumentos agrícolas, levando-os para fazendas no Rio de Janeiro e São Paulo. Os trabalhadores eram aliciados em Alagoas, Pernambuco e Paraíba.

Segundo um agente da Polícia Federal, os homens eram contratados por corretores de fazendas sulistas, que ofereciam-lhes melhores salários. Mas nessas fazendas seriam transformados em escravos, pois não teriam como voltar para suas regiões de origem e nem poderiam reclamar algum direito trabalhista.

O primeiro caminhão foi apreendido dia 4, às 19 horas, pela Polícia Rodoviária Federal, quase que ao acaso: os

rodoviários detectaram na BR-101 um caminhão sem as mínimas condições de tráfego e uma cobertura de lona parecendo carga normal. O caminhão, adequado ao transporte de cana, levava mais de 50 pessoas, em condições sub-humanas, junto com material agrícola. Os trabalhadores eram aliciados por Amaro Soares da Silva.

A maioria desses trabalhadores era de Atalaia, Pilar e Roteiro, no interior de Alagoas. José Leocádio dos Santos contou: "Fui contratado por Antônio Quirino, que conheço desde garoto. Ele é uma pessoa séria." Leocádio não sabia do inferno para onde seria levado...

## "CONHECEMOS A SECA"

O segundo caminhão paulista-arara foi apreendido dia 6 à tarde, e vinha de João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba. A maioria dos trabalhadores que transportava era de Queimadas. Os boías-frias denunciaram um tal de



O caminhão apreendido pela polícia por realizar tráfico de boías-frias nordestinos

"Usamos como responsável pela carga. Muitos afirmavam que iam para o Sul porque 'aquí no Nordeste não tem trabalho'. A gente tem que sobreviver com um mísero salário para quem está inserido nas Frentes de Trabalho. Entre uma miséria e outra,

preferimos ir para o Sul, pois a seca nos conhecemos, mas os outros Estados ainda não."

## ALICIADORES SOLTOS

A Polícia Federal reconhece serem os verdadeiros responsáveis por tal penúria os poderosos, os patrões, que

usam testas-de-ferro para aliciar os trabalhadores nordestinos. E a impunidade é total. Tanto assim que os responsáveis pelos caminhões de carga já foram liberados pela polícia, após terem pago fiança. (José Araújo — de Aracaju)



Dona Nina foi expulsa de sua casa por grileiros e jogada num terreno baldio com os filhos.

## Prefeito do PDS protege jagunços em despejo

No dia 16 de março chegaram de surpresa na casa de Dona Nina Maria Silva Ribeiro um oficial de justiça, um sargento, soldados e jagunços, com o objetivo de expulsá-la de sua casa.

Como forma de intimidação, o sargento descarregou o revólver na porta. Durante os tiros as crianças choravam e gritavam de medo. Sabendo que D. Nina mora sozinha, perguntaram por seu irmão: "Onde está o canalha? Se ele chegar aqui agora lhe arrancaremos o bigode com as unhas" — disse o sargento rindo e abusando da pobre mulher.

Imediatamente foram jogando tudo num caminhão: arrebitaram um guarda-roupa para ver o que havia dentro, quebraram o que puderam e ainda roubaram o pouco dinheiro que ela tinha em casa. Com cinco litros de

gasolina tocaram fogo na casa, que era de tábuas e tinha oito cômodos. Jogaram D. Nina, seus filhos e suas coisas num terreno baldio na Vila Santo Antônio, em Barra do Garças. Quando resolvei fazer esta denúncia ela já estava lá há seis dias, passando fome e sede, tomando sol e chuva com as crianças.

Toda esta barbaridade foi cometida a mando do sr. Irineu Pirani, dono do Comercial Pirani. "Ele alega ser dono de minha posse, que comprei e no qual moro há três anos" — afirma D. Nina. Era tudo que eu tinha para dar a meus filhos. Ele é mesmo um grileiro protegido, porque o terreno fica na beira da estrada, na saída para Cuiabá e Nova Xavantina".

"O grileiro fala grosso pela cidade e afirma: 'Tenho milhões e você nada tem. Mando nas autoridades e no prefeito.

Não vê que sou rico?'. Fui procurar o prefeito, que na campanha eleitoral dizia ser o médico dos pobres. Após dias de espera consegui falar com ele, que me disse: 'Sinto muito, não posso fazer nada'. Desde que tomou posse, ele só sabe pintar árvores e diz que sua cidade será a mais limpa do Estado".

Cidade limpa, com mais de 90% dos assalariados desempregados, despejos todos os dias, um clima de terror para a população de baixa renda. Mas já esperávamos esse des-governo: o prefeito e o governador são do PDS, são os car-rascos do povo, que jogam os assalariados na mais completa miséria. Mas não destruí-ram nosso anseio por um futuro mais digno e humano. Mesmo sem casa e comida iremos lutar. (leitor da TO - Barra do Garças - Mato Grosso)



## Chefes da Viazul perseguem motoristas

Damos um alerta ao sr. José Marques, presidente da Empresa Viazul, para o que está ocorrendo com os motoristas que trabalham para esta empresa. Eles estão sendo perseguidos por chefes sem competência. Estamos nos referindo à garagem nº 4, onde quatro pais de família já foram postos pra fora do emprego por causa do chefe Carlos, um mentiroso.

Estamos pedindo providência aos diretores que ficam só pensando no lucro que a empresa dá, sem tomar co-

nhecimento do que se passa nas garagens, protegendo os que fazem linha no fim de semana porque lhes dão dinheiro. Um motorista que já trabalha na firma há três anos não tem o direito de se dirigir aos presidentes da empresa, para dar conhecimento das injustiças de que são vítimas. Isso porque dirigentes da garagem nº 1 os impedem, porque são da mesma panela dos da garagem 4 e 2.

Os chefes fazem o seguinte: quando "marcam" um moto-

rista, mandam ele para a garagem nº 1. Depois, sem mesmo ser ouvido, ele é enviado para a garagem nº 2, sem ter o direito de se explicar. Lá é tratado como cachorro e logo depois posto pra fora. Estamos falando dos que trabalham certo, porque os puxa-sacos são protegidos, e deles que os encarregados precisam. Motoristas, a Viazul só precisa de seu trabalho! Nela você não tem nenhuma segurança!

(motoristas da Viazul - Camaçari, Bahia)

## Vereador de Jequié recusa honraria dada por prefeito

O prefeito pedesta de Jequié, Landulfo Caribé, procurou aliciar o vereador mais votado pelo PMDB, José de Jesus Leal, concedendo-lhe o troféu "Conde de Boa Vista" através do jornal *Correio de Recife*. O vereador recusou a duvidosa honraria em carta aberta à população afirmando, entre outras coisas:

"Em 15 de novembro fui eleito vereador, o mais votado dentre os candidatos do PMDB. Tal votação expres-

siva deveu-se aos meus compromissos assumidos com o povo. Meu firme propósito é a defesa do povo, e sua representação contra o regime vigente no país que, por sua vez, é representado pelo PDS, causador do abismo a que fomos lançados nesses 19 anos. Defendendo a luta do povo brasileiro pela reforma agrária radical, o fim dos atos e leis de exceção, o direito de greve e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte Livre e Soberana.

Estou plenamente convicto de que o povo não aprovará o meu atendimento ao convite formulado pelo *Correio de Recife*, de orientação reacionária. Não tenho dúvidas de que foi V. Excia que forneceu as informações necessárias ao citado jornal. Partidariamente continuamos distantes, a não ser que: V. Excia venha a integrar a oposição, engrossando as fileiras dos que querem o fim do arbítrio". (colaborador da TO em Jequié - Bahia)

## FALA O POVO

# Comerit demite operário por razão política

Quero denunciar através desse jornal, que circula em todo o país, a repressão de que fui vítima na empresa Comerit - Comércio e Indústria Engelbrecht, situada no bairro do Jaguaré, em São Paulo.

Fui demitido por injusta causa (os patrões dizem "justa causa") apenas porque encontrei em minha bancada (mesa de trabalho) alguns livros sobre o movimento operário. Ora, se quase toda semana o Sindicato está na porta da fábrica, entregando convocações, jornal, boletins, etc., por que os livros foram motivo para me mandarem embora sem direito?

Em primeiro lugar, quero dizer que vasculhar minha bancada quando eu não estava na seção. Isso para mim é uma atitude fascista, policial, contra a liberdade individual de cada operário. Quem vasculhou minha bancada e providenciou para que eu fosse demitido injustamente foi o alemão nazista Boitler, chefe geral na empresa. Ele é odiado pelos operários por causa de seus métodos opressivos, autoritários, na forma de tratar os que produzem a riqueza na empresa.

Como profissional, os alemães não podem alegar que eu não servia, pois alguns dias antes eu havia passado na experiência. Se passei foi porque meu trabalho (sou ferramenteiro) lhes permitia produzir muitas peças e com isso lucrar em cima do meu trabalho, assim como de todos os outros operários. Recentemente foram demitidos cerca de 200 operários da Comerit, a pretexto de enfrentar a crise econômica. Será que quando não havia crise os alemães da Comerit dividiam os lucros com os operários? Certamente que não!

A dona da fábrica, Dona Úrsula, faz questão de ir todos os dias, de seção em seção, cumprimentar todos os 300 funcionários da empresa. Companheiros da Comerit, isso não passa de uma farsa na tentativa de mostrar aos operários que eles e os patrões são iguais. No dia que fui demitido pedi a ela que me devolvesse os livros e ela ameaçou chamar a polícia. Tai a "justiça" do patrão.

(J.B. - São Paulo, SP)



## fala o POVO

**D**estacamos neste número a carta de uma leitora de Barra do Garças em Mato Grosso, que conta o despejo de uma senhora e seus filhos, a mando de um grileiro famoso na cidade. As autoridades, inclusive o prefeito, não passaram de joguete nas mãos dele, que, aliás, fez questão de destacar isso. O prefeito pedesta, que na campanha eleitoral se fazia de amigo do povo está mostrando suas garras...

**C**ontinue a escrever, amigo leitor! As cartas sobre o desemprego e a crise social, como as diversas desta edição, são muito importantes como denúncia e como procura coletiva de uma saída que respeite os interesses dos que trabalham e produzem nossas riquezas. (Olivia Rangel)

## Empreiteiras de mão-de-obra criam tensão no Paraná

O Sindicato dos Carregadores e Enscadadores de Café de Jacarezinho, no norte-pioneiro do Paraná, está encontrando sérias dificuldades na negociação com as empresas. A Semente Cargil Ltda., de Audira, assim como todas as outras firmas da região, está contratando os empregados através de "empreiteiras". Estas empresas não estão procurando o Sindicato, que é o legítimo representante dos trabalhadores e responsável por esta tarefa. Desta forma o Sindicato vem perdendo a sua função e os seus associados vêm sendo altamente prejudicados.

Em documento enviado ao Ministério do Trabalho, a diretoria do Sindicato afirma: "As firmas contratam os trabalhadores 'chapas' sem arcar com quaisquer responsabilidades de ordem trabalhista e previdenciária. Não respeitam sequer suas carteiras profissionais, sondeando-lhes até mesmo os direitos adquiridos por legislação vigente. E, não obstante essa atitude maldosa e anti-social ainda, na maioria dos casos, preferem contratar empreiteiros de mão-de-obra, comumente denominadas de arapucas de exploração do homem pelo homem".

A Companhia Agrícola Usina Jacarezinho é uma das indústrias que empregam este tipo de mão-de-obra e uma das que mais exploram os trabalhadores. Não respeita o contrato coletivo de trabalho e só paga a metade. O preço estipulado pelo Sindicato é 12,92 cruzeiros por saca, a Usina só paga 6 cruzeiros. Isso sem contar a super-exploração de mais de 6 mil trabalhadores que vivem em condições sub-humanas em todas as seções. Só a união de todos os trabalhadores poderá acabar com a exploração dos donos do capital sobre o trabalho. (do correspondente em Jacarezinho, Paraná)



## Quem trabalha na Pado não pode ficar doente

O médico da Pado não quer atender as pessoas doentes. Fica dentro do consultório comendo amendoim com a enfermeira.

No fim do ano passado morreu uma companheira da limpeza por falta de cuidados médicos. Os médicos são proibidos de nos dar atestado, a não ser em caso de morte...

Nosso refeitório é um lixo. As marmitas depois de usadas ficam cheias de água suja. O marmiteiro só é lavado uma vez por semana.

Quando levamos nossos filhos ao médico não ganhamos atestado. Temos hora marcada de chegar na firma e uma criança até sete anos não sabe se defender sozinha.

Os puxa-sacos marcam até a hora de irmos ao banheiro. Querem matar a gente de tanto trabalhar, principalmente um tal de Cabeção e um outro conhecido como Manezinho.

A enfermeira nega até um comprimido pra gente, coisa que é de nosso direito receber. (uma funcionária da metalúrgica Pado - São Paulo, SP)

## Usina de Avanhandava prejudica agricultores

A Represa da Usina Nova Avanhandava, que fica na Região Noroeste do Estado de São Paulo, entre o município de Coroados e Buritama, foi inaugurada pelo ex-governador Paulo Maluf com aquela tradicional recepção que eles fazem com o dinheiro dos proletários.

Mas dos burgueses não acharam solução para os trabalhadores rurais de Brejo Alegre e Juriti, que foram prejudicados pela represa da Usina. E os trabalhadores, embora morando nos distritos, trabalhavam em terrenos arrendados do famoso fazendeiro

J.J. Abdalla, áreas essas que foram cobertas pelas águas da represa. Os trabalhadores não receberam outras terras nem foram reassentados.

E o que está acontecendo atualmente é que o famoso fazendeiro Abdalla está arrendando suas terras a grandes arrendatários a preços elevados e tirando os pequenos arrendatários a força, quebrando as cercas e sotando o gado nas lavouras sem colher os mantimentos. Mas a disposição dos trabalhadores é de não largar pé da exigência de terras para trabalhar. Se não, como vamos viver? (leitor da TO em Brejo Alegre - São Paulo)

## Homenagem a Karl Marx

*Um século se passou,  
Há mais de um século  
suas ideias, sementes de futuro  
começaram sua  
revolução pelo mundo.  
E se espalharam  
e uma e mais outra, e outra.  
Onde havia um operário  
cujas mãos,  
como as de um jardineiro zeloso,  
as fizessem brotar.  
Elas germinaram e deram frutos;  
e morreram aqui ou ali,  
foram pisadas.  
Mas eram tantas, tão  
fortes, tão justas,  
desbravavam tanto mundo  
e tantos horizontes*

*com seu desabruchar,  
e tantas eram as mãos obovras  
e caledadas a se multiplicar,  
a crescer para recebê-las  
que, neste século,  
elas continuam sua  
revolução irreversível.  
E se tornaram mais  
fortes, mais vivas,  
verdadeiras como a chuva, a terra,  
e o próprio homem em sua marcha  
e em sua soneclara  
para um mundo livre.  
Um mundo justo e feliz,  
onde as ideias desse homem,  
que morreu há um século,  
sejam de todos os homens.  
(S.R.S., São Paulo, SP)*

## Alunos da PUC corrigem sua carta do nº 112

O núcleo de apoio à Tribuna na PUC de São Paulo vem esclarecer que na matéria do nº 112 "Fascistas saíram chumuscados na PUC" há uma incorreção nas informações.

Na realidade, aqueles que apedrejaram os estudantes em 1977 eram portadores das mesmas ideias defendidas hoje pelo grupo *Chama*, que teve como seu fundador o ex-aluno de Direito desta Universidade, André Rizzo, que no final de 1980 esteve envolvido com os atentados terroristas às bancas de jornais. Pedimos desculpas por nossa falha. (núcleo de apoio à TO na PUC de São Paulo, SP)

## Prefeito promete colégio gratuito e depois recua

No dia 16 de março 150 secundaristas do Colégio Raul de Leoni saíram em passeata, protestando contra o prefeito do PDS, José Américo, que antes das eleições havia prometido que o colégio seria gratuito e agora quer forçá-los a pagar, impedindo o acesso às aulas dos que não o fizeram. O prefeito, que na campanha eleitoral forçou os alunos da fanfara do colégio a tocar em seus comícios, quer agora jogar de lado todas as promessas que fez antes de 15 de novembro. Os estudantes estão revoltados e afirmam que é certo ficar todo mundo sem pagar. (grupo de amigos das TO em Viçosa, Minas Gerais)

# Aurélio: o culpado é o governo Figueiredo

O deputado federal Aurélio Peres (PMDB-SP) tem um papel de destaque na luta contra o desemprego em São Paulo. Metalúrgico de profissão, eleito pelos operários da Zona Sul, tem lutado com energia contra as demissões e é autor de um anteprojeto que cria o seguro-desemprego. Aqui, um artigo de Aurélio Peres para a *Tribuna Operária*.

O porquê dos acontecimentos que sacudiram São Paulo nestes dias é conhecido e bem conhecido. São nos três primeiros meses de 1983 mais de 55 mil trabalhadores foram demitidos apenas nas indústrias de São Paulo. Hoje há na cidade uns 700 mil sem emprego.

Quem agitou a capital paulista foi portanto o desemprego, a fome. Isto não é uma figura de retórica. É um fato. Quem mora na periferia da Zona Sul de São Paulo, como eu, sabe. Quem vive, trabalha e luta junto com a nossa classe operária sabe.

Não houve uma trama maquiavélica armada por algum gênio do mal. Foi uma explosão espontânea. Foi o grito da fome. Explodiu porque tinha de explodir. E não é nenhuma novidade. Em todos os nossos discursos vinhamos advertindo para isto: vai explodir.

Agora, simplesmente porque vinhamos advertindo o governo e a opinião pública, ainda há quem queira dizer que somos o culpado!

Há um culpado sim. É o governo federal do general Figueiredo, o governo de Delfim Netto e companhia. O governo que a tudo assiste de Brasília, na mais completa insensibilidade, torcendo e trabalhando pela desestabilização da administração estadual democraticamente eleita pelo povo paulista.

O governo Figueiredo só está preocupado em como acabar de entregar o Brasil ao

FMI, em arrancar da nação os dólares para pagar a dívida externa, em arrotar mais o trabalhador. Ai está, para provar, a tentativa de mudança salarial contra os trabalhadores, que tenta-se empurrar goela abaixo no Congresso, mas que as oposições não deixaram passar. Ai estão as tentativas de mudança, ou melhor, da falsificação, nos cálculos do INPC. Ai está a ameaça de acabar com a semestralidade nos reajustes salariais, precária, mas de qualquer forma uma conquista das lutas dos últimos anos.

## O DEVER DO GOVERNO MONTORO

Frente ao desemprego o governo federal não tomou uma só providência. Não mudou um milímetro no rumo da política de recessão, ditada pelos banqueiros internacionais via FMI. É todo um sistema, encastelado em Brasília, contra o povo e a nação. Só podia dar no que deu.

O governador Montoro argumenta que mal acabou de assumir, que mal mudou para o Palácio dos Bandeirantes. E realmente não é ele o responsável pelo quadro de desemprego em São Paulo. Nem seria justo se o movimento dos desempregados se voltasse contra a administração estadual.

O que então os trabalhadores esperam do governo Montoro nesta questão? O governador tem algumas medidas, de seu programa eleitoral, que precisam ser colocadas em prática, e rápido: criação de empregos, direcionamento dos investimentos para áreas capazes de absorver maior quantidade de mão de obra. Mas acima de tudo interessa ao movimento operário, popular e democrático que os governadores eleitos pelas oposições estejam ao seu lado na hora de exigir do governo federal as medidas de emergência que a crise reclama — o seguro-desemprego.

O governo Montoro tem o dever de firmar esta aliança com os trabalhadores, de canalizar toda a força de pressão, toda a energia de São Paulo para fazer frente ao poder central e sua política. Caso venha a fazer isto, contará com o mais sólido apoio das massas do povo.

Durante os incidentes, a polícia destemperou-se em várias ocasiões. Sob um governo do PMDB, não se conhece que policiais armados de paus e bombas se atirem contra honestos trabalhadores, contra jornalistas e até parlamentares. Mesmo que possa haver abusos, e provocadores, como há. Não é à base do cacete que se enfrenta tais problemas.



L. Carlos Leite e D. Amorim

A polícia prendeu e espancou muitos pessoas durante os saques. Os desempregados Arnaldo (acima) e Gesualdo espancados na rua

# Os desempregados que brigaram por comida

Pedreiros, operários químicos, carpinteiros, metalúrgicos. Todos desempregados. Foi gente assim que participou dos ataques a supermercados, nos dias 4 e 5, durante as manifestações por trabalho em São Paulo. Diante do Palácio dos Bandeirantes, no Largo 13 e na Praça da Sé a *Tribuna Operária* ouviu esses populares.

O pedreiro pernambucano Arnaldo de Araújo está sem serviço há quatro meses. "Faço uns bicos por aí, trabalhando até 10 horas pra ganhar Cr\$ 800,00. Durmo num escritório abandonado e como o que encontro pela rua. É um desespero", conta ele, após uma corrida da Tropa de Choque.

Um operador químico, parado diante do supermercado Barateiro, após o saque do dia 4, afirmava revoltado: "Estou desempregado há 16 meses. Tenho quatro filhos. Vou deixar que eles passem fome? A gente tem que tirar de quem tem".

Outro popular, que participou do ataque a um mercado do Jardim São Luiz, trabalhava num açougue em Santo Amaro: "Cortei meu braço e fui demitido, sem indenização. Não reclamei em

canto nenhum — onde é que eu vou reclamar? Fiquei isso, dependendo da ajuda de parentes. Minha mulher foi morar na casa da sogra, com nossos quatro filhos, e eu fiquei na casa de meu tio. Não fosse eles, a gente estava de baixo da ponte, porque hoje nem na favela tem vaga. Só que já está tendo encrenca. Minha sogra vive me chateando, dizendo que eu tenho que cuidar da mulher e dos filhos. Como se eu não quisesse estar com eles..."

## "COMO SE FOSSE LADRÃO"

José Xavier de Brito, bastante revoltado, desabafa: "Faz cinco meses que fui demitido da Estrelita. Não acho trabalho, e ainda sou humilhado. No dia 24 de março procurei emprego, junto com

um amigo, em Campo Grande quando a ROTA chegou nos agredindo. Mandaram a gente encostar na parede e levantar as mãos, como se a gente fosse ladrão. Pegaram meus documentos e ainda me roubaram Cr\$ 32,00. Não me bateram porque eu corri. Meu colega levou uns tapas. Só não pago aluguel porque participei de uma invasão de terrenos, uns tempos atrás".

O carpinteiro Gilberto Amaro foi demitido da Domeiz em dezembro. Sustenta seis filhos e a mãe, doente. Mora na favela Real Park: "A gente come bagulho velho. O pessoal da favela ajuda, dá xicaras de feijão e arroz. Tem dois das crianças, principalmente das duas de leite. Tem três meses que peço leite fiado num boteco..."

## "PEGAR O QUE COMER"

José Francisco, pai de três filhos, está desempregado há três meses. Era torneiro mecânico na Eletrolit. "Desde que fui demitido não pago aluguel. Isso porque a dona do nosso barracão é um empresário. Sabe que se eu tirar

o dinheiro do aluguel, não vai sobrar para alimentar as crianças. Para viver faço bicos como ajudante de obra e biscates na feira. Agora está ficando difícil trabalhar até nas obras. Parece que ninguém tem mais dinheiro para construir sua casinha. Do jeito que está, não tem outro jeito se não entrar nos grandes supermercados para pegar o que comer".

Roberto Martins foi demitido da metalúrgica Atonelli há três meses. "Tenho um filho", conta ele. "Pago Cr\$ 13 mil de aluguel num quarto e cozinha no Jardim Leonardo. Com o dinheiro da indenização e os bicos, até agora não atrasei nenhum pagamento. Mas não vou agüentar esta situação mais um mês sequer. Comida é só arroz e feijão. Bife, só uma vez por mês. Isso quando vou almoçar na casa de algum parente que está empregado, um pouco melhor que a gente".

Gesualdo da Silva, desempregado desde outubro, completa: "Tem muita gente igual a nós, passando fome. Tudo aumenta, menos o salário. Nossa vida está como a de escravo".



Aurélio Peres no palácio dos Bandeirantes

**Já à venda a Princípios n.º 5**

Artigos de João Amazonas, Jaime Sautchuk, Fábio Campana, entrevista com Stálin, entre outros assuntos na nova edição de Princípios.

Pedidos para a Editora Anita Garibaldi Ltda — Rua Major Quedinho, 300, sala 3, São Paulo, SP; CEP 01050; fone 37-7298. Envie um cheque nominal de 400 cruzeiros à editora e receba seu exemplar à domicílio.

**Ajude a imprensa operária a crescer**

Desejo receber em casa a *Tribuna*. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Travessa Brigadeiro Luís Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

Anual de apoio (52 edições) - Cr\$ 7.000,00  
Semestral de apoio (26 edições) - Cr\$ 3.500,00  
Anual comum (52 edições) - Cr\$ 3.500,00  
Semestral comum (26 edições) - Cr\$ 1.750,00  
Assinaturas do exterior - US\$70,00

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

**Tribuna Operária**

Endereço: Travessa Brigadeiro Luís Antonio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318  
Telefones: 35-7521 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOP BR

**Jornalista responsável:** Pedro de Oliveira  
**Conselho de Direção:** Rogério Lúcio, Bernardo Joffly, Olívia Rios  
**Suplente:** ACRE - Rua Belém, 91 - Estação Experimental Rio Branco - CEP 69000  
**AMAZONAS:** Rua Senon Bolívar, 231-A (Praça da Saúde) - Caixa Postal 1439  
**PARÁ:** Rua CEP 66000  
**MARANHÃO:** Rua do Machado, 174 - Centro - São Luís - CEP 65000  
**PIAUÍ:** Rua Simplicio Mendes, 150 - sala 7 - Teresina - CEP 64000  
**CEARÁ:** Rua do Rosário, 313, sala 206 - Fortaleza - CEP 60000  
**GOIÁS:** CEP 60000, Avenida Dom José, 1236 - sala 4 - Sobral - CEP 64000

**SÓ GRANDE DO NORTE:** Rua Fonseca Silva, 1036 - sala 102 - Alcaim - Natal - CEP 59000

**PARAIBA:** Rua Padre Vieira, 30, sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000  
**RIO VERDE:** Rua 216 - andar - Rio Verde - CEP 58100  
**PERNAMBUCO:** Rua do Sossago, 221 - Boa Vista - Recife - CEP 50000, Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 - Centro - CEP 55300  
**ALAGOAS:** CEP 50000, Rua 18 de Maio, 204 - Itaipava - CEP 55000  
**SERGIPE:** Rua João Pessoa, 299, sala 28 - Aracaju - CEP 48100  
**BÁHIA:** Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000  
**Ceará:** Rua Margal, 260, sala 101 - Faria de Santana - CEP 44100  
**GOIÁS:** CEP 42900, Av. Juracy Magalhães, 180, sala 204 - Itaipava - CEP 65000  
**MINAS GERAIS:** Av. Amazonas, 491, sala 817 - Centro - Belo Horizonte - CEP 30000  
**PARANÁ:** CEP 50000, Cal. Coronel Antônio Rodolpho, 345-355 - Congonhas - CEP 50000  
**GOIÁS:** Av. Anhangá, 5001, sala 1329 - Centro - Goiânia - CEP 74100  
**DISTRITO FEDERAL:** Ed. Goiás, sala 322 - Sator Comercial Sul - Brasília - CEP 50000  
**MATO GROSSO:** Rua Comandante Cícero, CEP 50000  
**GOIÁS:** CEP 50000, Avenida Dom José, 1236 - sala 4 - Sobral - CEP 64000  
**ESPÍRITO SANTO:** Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000  
**RIO DE JANEIRO:** Rua São José, 90, sala 203 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000  
**PARANÁ:** CEP 20000, Rua Carvalho de Souza 155, Loja F - Maracá - CEP 20000  
**AMARAL:** CEP 24000, Rua Nunes Alves, Niterói - CEP 24000  
**DUQUE:** CEP 48000, Rua Centro, Teresopolis - CEP 29000  
**OLIVEIRA:** CEP 13100, Rua Torquim, sala 605 - Centro - Nova Iguaçu - CEP 26000  
**SÃO PAULO:** Rua Jurubatuba, 1216, sala 9, 1º andar - São Bernardo do Campo - CEP 09000  
**SANTA CATARINA:** CEP 30000, Rua Professor Luis, CEP 29500  
**CELESTINO:** CEP 13100, Rua 14 - Campinas - CEP 13100  
**MINAS:** CEP 17500, Rua Gov. Pedro de Toledo, 1367 - Piracicaba - CEP 13000  
**PARANÁ:** Av. Winston Churchill, 2030, CEP 81000  
**CURITIBA:** CEP 81000, Rua Sengepe, 891, sala 614  
**LONDRINA:** CEP 86100  
**RIO GRANDE DO SUL:** Rua General Câmara, 52, sala 29, Centro - Porto Alegre - CEP 91000  
**RIO DE JANEIRO:** CEP 15000, Rua 15 - Casilas do Sul - CEP 15000  
**A Tribuna Operária** é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressão: Rua Caxias, 40, CEP 531000 - Curitiba, 49 - Fone: 531.9000 - São Paulo - SP

# Os saques nos protestos contra a fome e carestia

Não é a primeira vez que ocorrem saques em cidades brasileiras. Por várias vezes no passado o movimento popular recorreu a esse tipo de ação. Uma forma de luta espontânea e atrasada que, no processo, as massas vão compreendendo não ser o caminho para solucionar seus problemas. Conscientizam-se de que a alternativa é mudar o regime social vigente.

Já em 1917, quando o Brasil atravessava uma crise social e política tremenda, o povo invadiu armazéns e mercearias em São Paulo e pôderou-se de alimentos que faltavam nas mesas dos trabalhadores. Igualmente em 1924, em São Paulo, uma crise política seríssima provocou um vazio do poder no Estado e as massas saquearam armazéns.



Durante a crise de 1924, o povo pobre avança contra uma padaria

A polícia atacou a massa. Em resposta, o povo invadiu açougues e distribuiu carne gratuitamente. Metralhadoras foram apontadas contra os trabalhadores. Um ferroviário foi assassinado pela repressão; uma criança de 7 anos esmagada pelas patas de um cavalo da polícia.

## O POVO COMEU CARNE

Em Curitiba, no mesmo ano, as donas-de-casa também protestaram contra o aumento do preço da carne. Um grande comício foi convocado para o centro da cidade. O governo proibiu. O comício foi transferido para um bairro. O açougue local foi invadido e o povo

comeu carne naquele dia. A notícia espalhou-se pela cidade. A população dirigiu-se para o centro curitibano. A polícia abriu fogo contra os manifestantes.

No dia 6 de junho de 1952, em Porto Alegre, grande concentração popular contra a carestia foi atacada pela polícia. Em resposta, greve geral em Novo Hamburgo, que logo alastrou-se para outras 26 cidades. Em Santa Maria os ferroviários encabeçavam o movimento. Muitos deles foram presos. A massa, tomando conhecimento das prisões, dirigiu-se à Prefeitura, onde prendeu o capitão, o secretário da casa, até que fossem soltos os

ferroviários detidos. Em Passo Fundo as mulheres tomaram conta de diversos açougues. Primeiro venderam e depois distribuíram carne ao povo. Dez anos depois uma greve geral paralisava os centros de trabalho de importantes regiões do país. No dia 5 de julho os trabalhadores de Caxias, Meret, Nova Iguaçu e Nilópolis enfrentaram a polícia e, em ações energéticas, invadiram armazéns, açougues e padarias, ordenando a carestia de vida e protestando contra os senhores de gêneros alimentícios. Dias antes, populares em Niterói e São Gonçalo, em menor escala, apelaram para o mesmo recusa.

# Rebelião da fome agita os desempregados de São Paulo

Uma simples manifestação contra o desemprego, num bairro de periferia, pode detonar um verdadeiro motim numa metrópole como São Paulo? Pode. É o que mostra a seqüência vertiginosa dos fatos da semana que passou. A cidade, onde padece uma massa calculada em 774 mil desempregados, explodiu num brado angustiado de fome.

## Segunda: os primeiros saques em Santo Amaro

**Segunda-feira, 8 horas:** Assembleia com 4 mil populares no Largo 13 de Maio, em Santo Amaro, na Zona Sul, formaliza a criação do Comitê de Luta Contra o Desemprego. "A culpa da fome e do desemprego é do governo militar", afirma o deputado Aurélio Peres, que convida todos os manifestantes a se reunirem no seu comitê político, a poucas quadras.

**10 horas:** A situação foge a todo controle. Começam os saques. A multidão que ficou no Largo, revoltada, explode e parte para um caminhão da Cobal. São distribuídos 1.800 sacos de farinha. Organiza-se então uma passeata para ir à Assembleia Legislativa exigir medidas de urgência contra o desemprego. Mas enquanto a passeata toma a avenida Adolfo Pinheiro, os que ficam na praça invadem o Supermercado Barateiro, na rua Herculano de Freitas. Os vidros da loja são quebrados e em 20 minutos as prateleiras estão vazias. O comércio começa a fechar as portas e a situação fica mais tensa. Um garoto de sete anos explica à TO: "Meu pai não pôde vir mas eu estou aqui no lugar dele".

**13:30 horas:** Chega a Tropa de Choque com cerca de cem soldados e começam as prisões. Já são mais de 15 mil pessoas nas ruas próximas ao Largo. O povo revida a ação da polícia com pedras e tijolos. Ônibus são depredados. Um senhor de roupa branca ensaia em vão um discurso pregando o amor e a não-violência. Um pintor industrial desempregado contesta: "Amor não resolve, precisa abrir emprego".

**17 horas:** Uma multidão, entoando o Hino Nacional, dirige-se à 11ª Delegacia de Polícia para libertar os 150 detidos. A polícia, apavorada, age com violência, dando tiros e soltando bombas de gás, para impedir os manifestantes que jogam pedras e tentam invadir a Delegacia.

**20 horas:** O Largo 13 volta à calma, mas ao longo da noite os saques se sucedem, espalhando-se por toda a Zona Sul. Dois caminhões de gás são saqueados na Cidade Dutra. No Capão Redondo quatro mercados são invadidos. No Jardim São Luis



nenhum estabelecimento comercial fica intacto e é assassinado o corretor de imóveis Pedro Inácio, de 63 anos e com sete filhos, por um comerciante desesperado.

## Terça: uma longa marcha ao Palácio do Governo

**Terça-feira, 9 horas:** Nova assembleia, bem mais organizada, no Largo 13 de Maio. No meio do povo, um cartaz de papelão: "Não quebre nada". Líderes da Comissão, parlamentares e sindicalistas discursam de cima de uma perua. "Nossa posição é de não quebrar. Queremos mobilizar e organizar o povo para que o governo federal dê uma solução para o desemprego. Afinal, o povo precisa comer" — afirma Aurélio Peres. Alguns, que atiraram sacolas, pensando no saque, mudam de idéia.

**10 horas:** Parte a passeata, com 2 mil pessoas, rumo ao Palácio dos Bandeirantes, distante oito quilômetros, aos gritos de "queremos trabalhar", "chora Figueiredo", "o povo está a fim da cabeça do Delfim".

**11 horas:** Na Avenida João Dias, o único incidente da passeata. Um grupo de 50 pessoas invade o supermercado Peg-pag, gritando "vamos pegar comida", carregando caixas de arroz e feijão. Três carros da PM aparecem, batem com violência. Mas os próprios manifestantes formam um cordão e impedem que o saque se generalize.

**11:20 horas:** Trepados no muro da Sabesp, operários assistem e comentam: "Tem mesmo que ir pra rua, reclamar, pois é difícil um pai de família ver suas crianças passar fome" — diz um encanador. Outro afirma: "Pegar o que comer no supermercado, tá certo. O cara tem família. O que não pode é quebrar as coisas sem motivo. Isto o povo não gosta".

**12:30 horas:** Chegada ao Palácio. Ao ver as luxuosas mansões do Morumbi, um pedreiro demitido há três meses desaba: "Nós fazemos estas casas e depois vamos morar na favela". Cansados, mas otimistas, todos querem ver o governador. Um correspondente estrangeiro, após rápida pesquisa, constata, surpresa, que a maioria ali votou em Montoro.

**13:30 horas:** O governador, indeciso, não se apresenta. O povo espera, desapontado, irritado. Reclama que não lhe dão comida, nem água. E por



O povo aproveitou — sem gastar dinheiro — durante o saque a uma loja perto do Largo 13 de Maio. A Polícia Militar (à esquerda) reprimiu com rigor, mas também levou muita pedrada da população enfurecida

fim explode: "Nós viemos aqui para ouvir o governador e ele não quer nos receber. Então vamos entrar lá dentro e conversar com ele na marra" — diz um metalúrgico, já de pedra na mão.

**13:40 horas:** Ninguém mais controla a situação. Os promotores do ato tentam, em vão, deter o povo que derruba uns 20 metros da grade do palácio. A guarda palaciana não consegue impedir a invasão dos tropas. Entra em ação a Jrdm de Choque, brutal, espancando até parlamentares. A resposta é uma chuva de pedras. Os desempregados mostram suas carteiras de trabalho através da grade e gritam para a PM: "Eu sou pai de família!"

**14 horas:** A manifestação se divide. Parte espera a Comissão de Trabalho, que a acompanhará, e aplaudido ao dizer que o movimento é justo, que o desemprego é fruto da política recessiva do governo federal e que a administração Montoro tomará medidas de urgência.

**14:15 horas:** Volta a comissão. Almir Pazzianoto, secretário do Trabalho, que a acompanha, é aplaudido ao dizer que o movimento é justo, que o desemprego é fruto da política recessiva do governo federal e que a administração Montoro tomará medidas de urgência.

**15 horas:** Na volta ao Largo 13, em seis ônibus cedidos pelo governo, uma provocação. Um comando da polícia intercepta dois dos ônibus e espanca seus 60 ocupantes, num "corredor polonês", enquanto gritam raiosos que "agora vocês vão ver o que é bom para tosse".

**15:30 horas:** O Largo 13 é interditado pela PM. Num comício na praça Floriano Peixoto, os oradores já não são ouvidos. Alguém brada que é hora de invadir o supermercado Carrefour e começa uma correria. A polícia tenta brecar, não consegue e volta a usar os cassetes. Um jovem, já com o braço quebrado, grita várias vezes: "tem que ter uma revolução".

**17 horas:** A invasão do Carrefour não acontece. A polícia chega primeiro, e uma forte chuva dispersa os desempregados. Mas no centro da cidade estouram novos saques, na rua Direita e em seguida na Sé.

**19 horas:** O centro da cidade parece um campo de batalha — saques, quebra-quebra indiscriminado, até de bancas de revistas, escarpias com a polícia. Ai, como em vários bairros, não há orientação, nem reivindicações. Só revolta.

## Quarta: o Comitê tenta pôr a luta no seu rumo

**Quarta-feira:** O governo estadual diante dos conflitos do dia anterior resolve proibir qualquer concentração de rua. Coloca policiamento por toda a cidade para dispersar aglomerações.

E suspende a concentração que havia sido marcada pelo

Comitê de Luta Contra o Desemprego às 10 horas em Santo Amaro.

Em Guarulhos, há o saque de duas feiras livres, causando descontentamento na população. Levanta-se a suspeita de que pode ter sido instigado por provocadores para isolar o movimento dos desempregados. A população apoia os protestos mas não as aventuras.

À tarde, saque em dois supermercados na Av. Santa Catarina, no bairro do Jabaquara, Zona Sul.

No centro da cidade, a partir das 16 horas ocorrem

diversos conflitos entre a polícia e grupos que se formam sem um objetivo definido — as casas comerciais estavam fechadas — e acabam partindo para vaia e troca de insultos com os policiais.

O Comitê de Luta Contra o Desemprego não convoca nenhuma outra concentração, dedicando-se a reorganizar os desempregados, contatar entidades, parlamentares e representantes do próprio governo estadual, visando recolocar a luta no seu rumo, contra a política econômica do governo federal, responsável pela revolta popular.



A passeata dos desempregados rumo ao palácio do governo

## Os êxitos do Comitê de Luta Contra o Desemprego

O Comitê de Luta Contra o Desemprego, fruto de muitas discussões entre os trabalhadores, principalmente metalúrgicos da Zona Sul de São Paulo, lançou-se efetivamente na segunda-feira, dia 4, na assembleia no Largo 13 de Maio. E já aí teve de enfrentar uma situação extremamente complicada, explosiva. Em meio à situação crítica que se formou na cidade, ele representou a busca de uma saída consciente, ampla, firme e equilibrada para a tragédia dos sem trabalho.

Na própria segunda-feira o Comitê conquistou um tanto importante. Conseguiu que a Assembleia Legislativa do Estado reconhecesse sua legitimidade e inclusive cedesse um plenário para seu funcionamento. Conseguiu também a atenção e a simpatia da opinião pública, despertada pelo drama dos saques, que valeu como um toque de alerta.

No dia seguinte, as lideranças do Comitê foram recebidas pelo próprio governador Franco Montoro, que expressou também sua simpatia. "Recebo a vista de vocês como uma homenagem e agradeço

os seus esclarecimentos — disse Montoro. — De minha parte, podem contar com a colaboração total". Os líderes sindicais da Pro-CUT estadual, por sua vez, reuniram-se e decidiram somar seus esforços para dar maior impulso à luta contra as demissões.

Na quarta-feira, a bancada do PMDB na Câmara Federal exprime igualmente sua solidariedade (ver página 3). Estes êxitos têm suas razões. Em primeiro lugar, uma plataforma clara e de enorme aceitação, centrada na exigência do salário-desemprego, que até figuras ligadas ao governo tiveram que reconhecer como uma necessidade. Segundo, uma definição igualmente clara sobre o alvo de sua luta, que é o governo federal e sua política de recessão e fome. Terceiro, uma posição madura diante dos saques que sacudiram a cidade — sem incentivá-los em momento algum, mas também sem atacar a compreensivo explosão de revolta dos desempregados. E, finalmente, a busca de um amplo leque de alianças para sua luta, abrangendo inclusive o governo estadual democrático, também interessado em soluções para o problema.



Após um saque, a volta apressada para casa com os alimentos